

Para citar esta reseña / To cite this review:

BOTO, Sandra (2021), «Recensão a *Floresta de varios romances, sacados de las historias antiguas de los hechos famosos de los doze pares de Francia*», *Revista de Cancioneros Impresos y Manuscritos*, 10, pp. 421-429. <https://doi.org/10.14198/rcim.2021.10.10>

RECENSÃO A FLORESTA DE VARIOS ROMANCES, SACADOS DE LAS HISTORIAS ANTIGUAS DE LOS HECHOS FAMOSOS DE LOS DOZE PARES DE FRANCIA

REVIEW OF FLORESTA DE VARIOS ROMANCES, SACADOS DE LAS HISTORIAS ANTIGUAS DE LOS HECHOS FAMOSOS DE LOS DOZE PARES DE FRANCIA

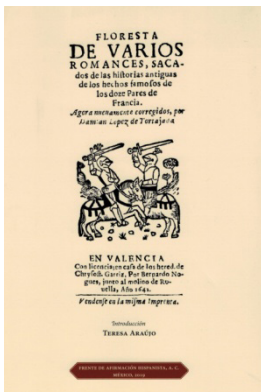
Sandra Boto

CIAC - Universidade do Algarve, Portugal

scboto@ualg.pt

<https://orcid.org/0000-0003-1529-1261>

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória - DL57/2016, alterado pela Lei 57/2017 [CP1361/CT0024] e no âmbito do projeto estratégico do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação [UIDB/04019/2020].



Floresta de varios romances, sacados de las historias antiguas de los hechos famosos de los doze pares de Francia, agora nuevamente corregidos por Damian Lopez de Tortajada, prólogo de Pere Ferré e introducción de Teresa Araújo, México, Frente de Afirmación Hispanista, 2019, 490 pp. ISBN: 978-84-09-12288-2.

PALAVRAS CHAVE: poesia; romancelero; romance carolíngio; Damián López de Tortajada
KEYWORDS: poetry; *romancero*; *Carolingian ballad*; Damián López de Tortajada



Sempre que, em Bibliografia, a fortuna se funde com o engenho daquele que, possuindo o último, procura com tenacidade a primeira, o resultado não pode deixar de ser assinalado. É este o fito destas linhas, que celebram a recente publicação, em 2019, de uma «inesperada» edição da *Floresta de vários romances* de Damián López de Tortajada.

Que a *Fundación Frente de Afirmación Hispanista* se tenha proposto patrocinar esta edição fac-similada de uma até agora ignorada edição da obra (Valência, 1642-1643), muito convenientemente apoiada por um certo e especializado prólogo de Pere Ferré e por uma magistral introdução de Teresa Araújo, confirma o êxito desta aposta editorial, segundo veremos.

Lembremos que Rodríguez-Moñino, na sua conhecida edição da *Floresta* de Valência, 1652, destaca a natureza ímpar da obra e anuncia o seu posicionamento no âmbito de uma *cultura de massas* vinculada ao movimento tipográfico. Escutemos as suas palavras: «Entre los libros más divulgados y más conocidos por la masa lectora anterior a 1800 figura un tomito de poesías, pequeño de tamaño, de no muy grueso volumen, propio para que cómodamente pudiera llevarse en la faltriquera» (Rodríguez-Moñino 1970: 9).

Porventura, escolher a Língua Portuguesa para recensear uma obra de tal forma ímpar do *Siglo de oro* espanhol como a *Floresta de varios romances* pode não parecer, à primeira vista, a opção mais óbvia. Trata-se, insisto, de uma eleição ponderada, que pretende chamar a atenção para uma característica deveras particular da edição que aqui se reproduz em fac-símile e que a vincula indelevelmente a Portugal. É que, desta edição de 1642-1643, cuja existência fora anunciada pelo erudito português Teófilo Braga (1843-1924) em 1869, não se conhecia qualquer exemplar até que Teresa Araújo, em investigações recentes no espólio do ilustre açoriano, confirma a existência do exemplar ao qual a investigação bibliográfica nunca deu —e mal— crédito. Com esta descoberta inusitada, Teresa Araújo não só localizava o mais antigo exemplar da *Floresta* até hoje detectado —embora o seu estudo não rejeite também a teoria de uma *princeps* anterior composta exclusivamente por romances carolíngios

e pseudocarolíngios—; sobretudo, esta edição agora saída dos prelos vem divulgar em primeira mão uma peça valiosíssima do património bibliográfico português e, em particular, possui uma relevância inestimável para «los estudios de la recepción del romancero antiguo en Portugal» (p. 34), conforme aponta a investigadora, que denuncia ainda, com a maior pertinência, um deficitário conhecimento do trânsito dos impressos no país vizinho.

Cabe, desde logo, louvar o extremo cuidado editorial e o fausto material que pautam a edição, a que já nos habitou, de resto, José Julián Labrador. Os anteriores volumes de romanceiros e cancioneros já dados à estampa pela *Frente de Afirmación Hispanista*, sob a sua coordenação, confirmam, pois, a singularidade da empresa num panorama tão estéril para a impressão de joias bibliográficas quanto o atual. Perante este facto, pequenas falhas tipográficas, entre as quais se conta a sobreposição accidental, na p. 36, de uma figura ao número de página, não maculam a pulcritude da obra. Já algumas intervenções de índole editorial, nomeadamente no «Prólogo», denunciam maior melindre científico. Refiro-me ao caso da substituição de uma expressão original, «romancero nuevo», fixada intencionalmente pelo autor em referência ao *Romancero del Cid*, de Juan de Escobar, por «romancero erudito» (p. 13). Como se adivinha sem dificuldade, trata-se de uma posição teórica que Pere Ferré desejava assumir no «Prólogo», segundo tive oportunidade de observar a partir da leitura do manuscrito que o mesmo me cedeu ainda antes da publicação da *Floresta*, e da qual fica constância nesta recensão.

Digno de aplauso é o exaustivo e profícuo trabalho de investigação conduzido pela Professora Araújo, o qual esteve na origem do texto da «Introdução» que antecede a edição fac-similada do exemplar da *Floresta* conservado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (cota TB/A 43 RES – TBA 52) e que, como referimos, pertenceu a Teófilo Braga em circunstâncias que a investigadora procura averiguar (dá como certo que o exemplar terá tido como proveniência o território francês: por via do comércio livreiro? trazido para Portugal por um oficial francês aquando das invasões? oportunamente franqueado através do contacto social com

algum erudito gaulês?). As hipóteses avançadas são todas credíveis (ver, de forma alargada e para acompanhamento do raciocínio completo da estudiosa, as pp. 27-34), embora o velo de incertezas que paira sobre a história da obra (e deste exemplar em concreto) não deixa por isso de ser mais enigmática. Teresa Araújo percorre-a, com uma argumentação sólida e convincente, profunda conhecedora dos meandros da circulação dos impressos no *Siglo de oro* e durante o século XIX, ciente, com enorme humildade científica, de que quantos mais dados localiza mais perguntas terá de formular.

É, pois, neste contexto, que a fortuna que mencionávamos logo no início lhe coloca diante dos olhos um novo achado. Perseguindo a *pista francesa*, afirma a Professora Araújo: «era de sospechar que existieran otros ejemplares del romancero de López de Tortajada en algún fondo francés» (p. 34). A sua tenacidade resulta, assim, na localização, na Bibliothèque Méjanes (Aix-en-Provence), de um exemplar de uma outra edição valenciana da *Floresta*, igualmente desconhecida, desta feita saída dos prelos de Francisco Mestre, datada de 1688. Contudo, as surpresas não terminariam aqui, visto que o cólofon do exemplar apresenta uma data divergente, anterior, rasto de uma tiragem que terá sido aproveitada para a edição de 1688 e que a investigadora reconstitui tratar-se de 1668 ou 1673 (pp. 36-39).

Se não ostentasse outros focos de interesse, o trabalho de Teresa Araújo já sobressaía com notabilidade, ao ter ampliado consideravelmente o conjunto de edições materiais do século XVII face à única que se conhecia, a de 1652, que o bibliógrafo Rodríguez-Moñino reproduziu em 1970: resgata e edita a edição açoriana de 1642-43 e estuda a de 1688, para além de se debruçar sobre as deduzidas de 1646 —conhecida graças ao cólofon da de 1652— e de 1668?-1673?, entrevista a partir do exemplar de Méjanes.

Deste modo, o trabalho de Teresa Araújo veio contribuir com importantíssimas evidências de suporte à convicção moñinista —que já atrás citámos ao pé da letra— de uma ampla circulação da *Floresta*, embora devamos salvaguardar que esta afirmação se fundasse, então, praticamente apenas no conhecimento do panorama editorial

setecentista. Mas vai muito mais longe, a investigadora portuguesa, pois não se limita a atualizar o *corpus* bibliográfico, o que já de si não seria despidendo.

O estudo centra-se de seguida em aspetos particulares da edição açoriana de 1642-43, no complexo enredo das fontes dos romances bem como na estrutura da obra e sua evolução, problemas que analisa em profundidade e com total acerto, pois revê com absoluta credibilidade a tese *plieguista* de Rodríguez-Moñino, provando factualmente que é, afinal, bastante residual a influência dos folhetos de cordel na composição da *Floresta* (p. 76). Retira ainda algumas conclusões provenientes da análise da *variatio* tipográfica (e não apenas da tipográfica, sublinhe-se) entre as três edições seiscentistas conhecidas, embora neste ponto, e seguramente devido à ingente morosidade da tarefa em mãos, as conclusões pareçam ser as mais modestas de toda a investigação, uma vez que, para além da definição de tipologias de variação, não se avança para um estudo aprofundado das relações entre os três testemunhos do século XVII da *Floresta*, romance a romance. Por fim, e como resultado final da investigação, dedica um último ponto do estudo a uma leitura combinada da *Floresta* que liga os diversos ângulos de análise empregues anteriormente (bibliográfico e textual). Nestas últimas páginas do seu estudo, Teresa Araújo coloca a tónica na dimensão política da obra, cujo carácter *historiado* é explicado à luz da orientação de entretenimento massificador das hostes espanholas de Felipe IV.

Teresa Araújo propõe, assim, uma leitura macronarrativa da obra no capítulo «Um romancero *historiado* para la exhortación militar y la propaganda política» (pp. 107-111). Tratando-se de uma compilação de sabor antiquado já no século XVII, cuja disposição dos poemas abre com a exortação do espírito cavaleiresco dos *Doce pares* à qual se segue o canto dos sucessos bélicos dos Áustrias, para terminar com dois romances do ciclo de Don Rodrigo, o último rei godo, em modo de advertência aos perigos coevos de que padecia a coroa espanhola no século XVII, a *Floresta* aponta para uma verdadeira «teleología militar y política» (p. 110), plena de sentido programático, ao invés do que defendia Rodríguez-Moñino (1970: 34).

Se a presente investigação esgota a matéria e os problemas envolventes da *Floresta*? Naturalmente que tal não é possível. Basta recordar as palavras do mesmo bibliógrafo, ao vaticinar que «Quizá algun día, si aparecen ediciones anteriores a 1646 en los fondos de inexploradas bibliotecas, pueda confirmarse nuestra suposición [de que houve uma *Floresta* primitiva constituída apenas por romances de matéria carolíngia]» (Rodríguez-Moñino 1970: 34). Ora, tendo agora aparecido efetivamente uma edição anterior, pela mão de Teresa Araújo, constatamos que ainda assim não foi possível confirmar-se a suposição do erudito espanhol. Os terrenos são demasiado movediços.

Por tudo isto, e com tantos sugestivos tópicos de análise futura que a «Introdução» de Teresa Araújo veio (res)sugerir ou trazer à colação *ex novo*, permito-me destacar alguns dos mais significativos. Um deles reside, sem dúvida, nos meandros da circulação estrangeira da *Floresta*, que pode explicar uma pelo menos aparente — todos os cuidados são poucos nesta matéria, como se viu — ausência de circulação da obra em Espanha no século XVII, com exceção para Valência, como é óbvio.

Interessa-me ainda reiterar a necessidade, apontada pela investigadora, de investimento em pesquisas que permitam ir colmatando o desconhecimento generalizado acerca da circulação de impressos antigos em Portugal referentes ao romanceiro, facto que se justifica em boa medida pela desatenção que os estudos bibliográficos sobre o romanceiro antigo têm vindo a conceder ao caso português. No que respeita à *Floresta*, permito-me contribuir com um singelo dado que reporta à sua circulação em Portugal no século XIX e que tem passado inadvertido. Numa lista bibliográfica autógrafa do editor de romances Almeida Garrett (1799-1854), sobre cuja importância tenho vindo a insistir, consta uma deveras interessante bibliografia dedicada ao romanceiro espanhol antigo — referenciada, por exemplo, em Boto, 2015: 100-103. De entre os títulos da relação autógrafa «Livros e códices que se consultaram / para o Romanceiro» (9 páginas), destaco a entrada que remete para a consulta da «*Floresta* de varios Romances etc. por / Damian Lopez de Tortajada. Valencia / (sem data) supõe-se do fim do sec. 17». Almeida Garrett refere-se, como

parece evidente, a uma das edições *sin año* a que já Agustín Durán aludia no tomo II do seu *Romancero general* (Durán 1945: 686), obra que sabemos ter sido amplamente consultada por Garrett. Natural seria, portanto, que se tratasse de uma referência *em segunda mão*, ou seja, que o editor português tivesse copiado para a sua relação a citação de uma obra colhida em Durán, sem mais significado. Não se afigura ter sido este o caso, contudo. Vejamos. Agustín Durán reporta, no tomo II do seu *Romancero general*, três edições da *Floresta* de Valência (sem ano), mais quatro madrilenas que, por equívoco —clarifica-o Rodríguez-Moñino (1970: 10)—, atribui ao século xvii em vez de xviii -1611, 1613, 1646, 1664 (*sic*). Não obstante, em momento algum Durán apresenta, nos comentários que tece aos exemplares da obra, uma possível datação de finais do século xvii. Logo, trata-se de uma atribuição original de Garrett. Por outro lado, que Garrett incluisse numa lista uma edição sem ano quando Durán lhe oferecia outras —aparentemente— mais antigas e, portanto, mais *apetecíveis*, como justificar que se obstinasse em referenciar apenas uma edição valenciana sem data, retirada de uma lista mais completa e incluindo, para além disso, informação *original* que nela não consta? Uma observação mais alargada desta relação bibliográfica garrettiana prova ainda que o erudito romântico português cita outras edições muito concretas de coleções castelhanas de romances que sofreram amplos movimentos editoriais durante o *Siglo de oro*. A título de exemplo, inclui na lista o *Cancionero de romances* na sua edição de 1555, mas não menciona as anteriores. Porquê esta, em particular? Porquê uma edição valenciana da *Floresta* sem ano? A suposição – e não nos atrevemos a ir mais longe, mais uma vez, até que novos elementos confirmem ou destruam a teoria – é a de que Garrett possa ter acedido a uma coleção de cancioneros e romanceiros espanhóis antigos, o que justificaria a referência de edições tão específicas para obras com ciclos editoriais extensos como são a *Silva*, a *Floresta*, o *Cancionero de romances*, entre outras. Não descartando a hipótese de que Garrett tivesse consultado apenas uma outra lista desconhecida de impressos antigos e que não tivesse manejado diretamente as obras,¹ o que sim podemos garantir com toda a

1 De facto, a *Floresta* não consta do «*Inventário Judicial*» da biblioteca pessoal de Almeida Garrett

certeza é que a listagem de romanceiros antigos elaborada pelo editor português não provém da fonte mais óbvia: Agustín Durán. Quer se tivesse tratado da consulta direta de um exemplar da *Floresta*, quer Garrett se tivesse limitado a copiar uma lista de obras de outrem, indicia este manuscrito que uma das edições valencianas da *Floresta* circularia na primeira metade de oitocentos em Portugal (eventualmente no trânsito dos soldados franceses que invadiram o país nos inícios do século XIX?). Seja como for, Teresa Araújo já aponta para a circulação de pelo menos uma edição da *Floresta* em Portugal, presente no inventário manuscrito de 1764 dos livros que faziam parte da biblioteca conimbricense do Colégio de Santa Rita dos Agostinhos Descalços, ativo até 1834. (pp. 33-34). Como se observa, são perfeitamente plausíveis e corroboráveis as evidências sobre a presença da coleção de López de Tortajada em Portugal antes do labor de Teófilo Braga.

Permanece, por outro lado, a total incógnita em redor da figura do compilador, à qual já se reportava Rodríguez-Moñino (1970: 9), que continuará a inquietar a crítica e a suscitar conjeturas sobre a personalidade do misterioso editor —veja-se a síntese da Professora Araújo na p. 41.

Por fim, o estudo que acompanha este fac-símile de 1642-43 torna ainda completamente pertinente, por outra parte —e reiterando aqui as últimas palavras do «Prólogo» de Pere Ferré— a total conveniência de recurso futuro a ferramentas de levantamento e análise de dados, sejam elas de automatização de processos da Crítica Textual que proporcionem não só comodidade e segurança ao editor no seu estabelecimento, como permitam visualizações credíveis e claras no levantamento de padrões —o *distant reading*—, que o processamento humano não consegue abarcar.

Como mera hipótese de trabalho, cabe esperar com algum otimismo que a adoção destes recursos metodológicos permita iluminar de forma assertiva alguns dos recantos mais esconsos desta *nova Floresta* que aqui saudamos.

lavrado em 1855 após a morte do editor, documento F. L. Mov. 5-7, 1 a 5, Sala Ferreira Lima, Biblioteca da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BOTO, Sandra (2015), «Almeida Garrett e o Romanceiro Antigo», em *Miscelânea de estudos sobre el Romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*, coord. Pere Ferré, Pedro M. Piñero e Ana Valenciano, Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla, CIAC – Universidade do Algarve, pp. 95-118.
- DURÁN, Agustín (1945), *Romancero general o Colección de romances castellanos anteriores al siglo XVIII*, 2, Madrid, Atlas («Biblioteca de Autores Españoles»).
- RODRÍGUEZ-MOÑINO, Antonio (ed.) (1970), Damián López de Tortajada, *Floresta de varios romances (Valencia, 1652)*, Madrid, Castalia.